

## **O DESENCANTAMENTO DO MUNDO E O PROCESSO DE COISIFICAÇÃO DO HOMEM NA VISÃO DE ADORNO E HORKHEIMER: A NEGAÇÃO DA FILOSOFIA METAFÍSICA EM ARISTÓTELES E A DESUMANIZAÇÃO DO HOMEM**

*THE DISENCHANTMENT OF THE WORLD AND THE PROCESS OF HUMAN THINGIFICATION IN THE VISION OF ADORN AND HORKHEIMER: THE NEGATION OF METAPHYSICAL PHILOSOPHY IN ARISTOTLE AND THE DEHUMANIZATION OF MAN*

*Ricardo Francelino da Silva<sup>1</sup>  
Alonso Bezerra de Carvalho<sup>2</sup>*

**RESUMO:** O presente trabalho objetiva tecer algumas considerações no intuito de repensar o processo de coisificação do homem iniciado na época moderna e suas ressonâncias para educação, processo que buscou descreditar a filosofia metafísica e arrolar no campo das interpretações míticas qualquer explicação da realidade que não legitimasse os pressupostos do domínio da técnica do método positivista moderno. Adorno e Horkheimer em “A Dialética do Esclarecimento” buscaram percorrer esse percurso e expuseram os resultados da barbárie do processo. O método científico moderno e os pressupostos positivistas são infalíveis? Propomo-nos a dialogar com tais temáticas na intenção de resgatar as críticas desses pensadores sobre o processo de organização da sociedade moderna e seus valores, que possibilitaram um momento histórico de desumanização do homem em detrimento da cobiça, da ganância e do poder. A educação nesse contexto foi direcionada para atender aos interesses dos gestores do imaginário social, no intuito de reforçar os pressupostos de verdade infalível que legitimaram os discursos totalizantes. Após resgatar a crítica dos autores, iremos avançar um pouco para a pós-modernidade e discutir as ressonâncias de tais pressupostos no paradigma atual, que reforçam a crítica tecida por Adorno e Horkheimer e demonstram que a infalibilidade das ciências carece, ela própria, de sustentabilidade. Nesse percurso buscaremos retratar alguns conceitos sobre esse processo e as consequências no modo como operamos o conhecimento no contemporâneo.

**PALAVRAS CHAVE:** Coisificação do homem. Adorno e Horkheimer. Desconstrução da metafísica. Processo de esclarecimento.

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia pela UNESP/Assis (2017) e Doutorando em Educação – PPGE – UNESP/Marília. rikardofs@gmail.com

<sup>2</sup> Livre-Docente pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis). Professor Doutor – FFC e PPGE da UNESP/Marília. Alonso.carvalho@unesp.br

**ABSTRACT:** The present work aims to make some considerations in order to rethink the process of thingification<sup>3</sup> of the man initiated in the modern era and its resonances for education, a process that sought to discredit the metaphysical philosophy and to include in the field of mythical interpretations any explanation of reality that did not legitimize the presuppositions of the modern positivist method. Adorno and Horkheimer in “The Dialectic of Enlightenment” sought to go this route and exposed the results of the barbarity of the process. Is the modern scientific method and the positivist assumptions infallible? We propose to dialogue with these themes in order to rescue the critics of these thinkers about the process of organization of modern society and its values, which made possible a historical moment of dehumanization of man to the detriment of selfishness, greed and power. The education in this context was directed to attend to the interests of the managers of the social imaginary, in order to reinforce the assumptions of infallible truth that legitimized the totalizing discourses. After rescue the critics of the authors, we will advance a little to postmodernity and discuss the resonances of such assumptions in the current paradigm, which reinforce the criticism woven by Adorno and Horkheimer and demonstrate that the infallibility of the sciences lacks sustainability itself. In this way we will try to portray some concepts about this process and the consequences in the way we operate the knowledge in the contemporary.

**Keywords:** Man’s thingification. Adorno and Horkheimer. Deconstruction of metaphysics. Enlightenment process.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo tecer algumas considerações sobre o processo de desencantamento do mundo causado em nome de uma ciência precursora da verdade universal, assumindo o mesmo papel dogmático presente na mitologia greco-romana.

O percurso que a ciências modernas trilharam para assumir o status de paradigma dominante foi longo e árduo, deixando pelo caminho um cenário de escombros e calamidade. A auto-afirmação em si não foi o suficiente para a sua hegemonia. Nesse percurso as ciências modernas, por meio de seus representantes, trabalharam arduamente para desmerecer, descreditar e em muitos casos, ridicularizar qualquer explicação da realidade que não aplicasse os parâmetros do método erigido a partir das revoluções científicas.

A filosofia, por meio de seus representantes, os filósofos, passou por um processo semelhante em seu apogeu, mas com um respeito maior pela construção sociocultural presente na antiguidade. Ela pôde coexistir com as explicações míticas presentes naquele momento, que buscavam explicar a realidade, e os fenômenos naturais. Contudo, na modernidade as ciências realizaram o verdadeiro processo de “caça às bruxas” com tudo aquilo que não pudesse ser laboratorialmente comprovado, inclusive, buscando atribuir valor mitológico à própria filosofia metafísica.

---

<sup>3</sup> Thingification is the same that reification, objectification, or the process to change something or someone at a object.

Com o intuito de discutir algumas ideias sobre esse processo de desencantamento, nos propomos a esboçar o conceito de metafísica em Aristóteles, para, a partir do mesmo, tentarmos entender o processo de desconstrução operado no período pós revolução científica que possibilitaram a emergência das ciências modernas como paradigma dominante universal. A obra de Adorno e Horkheimer “Dialética do esclarecimento” nos ajudará a compreender o processo de desencantamento e consequente empobrecimento de espírito social.

Esses autores demonstram que o processo de esclarecimento desencadeado pela revolução científica, possibilitou o surgimento de uma ciência de caráter dogmático que, apesar de suas conquistas para o bem-estar social, também eclodiu nas atrocidades vivenciadas nas grandes guerras mundiais e a barbárie materializada no nazismo, em nome de um bem maior. Este texto não tem por objetivo relatar ou descrever os movimentos ocorridos ao longo da história da humanidade, mas sim trilhar um caminho que permita ao leitor perceber como esse processo de desencantamento, possibilitou a negação de mais de 4 mil anos de cultura, história, de identidade de povos e nações em nome de uma razão absoluta e verdadeira, totalitária em seu viés epistemológico, que ao tentar negar ao homem sua essência metafísica produziu um processo de desumanização, desconstrução ética, estética e moral da humanidade. Qualquer tentativa de estabelecer uma epistemologia única, de um único canal para se conhecer a realidade tende a favorecer a materialização de algo que só existia em potência, mas que se manifesta em ato de uma essência animal, irracional. O pensar, o questionar, o contradizer, o duvidar são meios para se conhecer a realidade, objetiva ou não, que permitiu ao homem evoluir ao longo de sua história.

Resta ainda a reposta de algumas perguntas para nos auxiliar a pensar tais questões. Qual o papel da educação nesse processo de desumanização? O que o doutrinamento científico produziu na estrutura social? Quais as consequências do positivismo para o desenvolvimento social e humano? Por fim iremos discutir como esse processo de desencantamento produziu certo tipo de frieza afetiva, afastando o homem de sua essência ética e moral, de sua real condição cognoscente. Um processo de coisificação do homem.

A desconstrução desse conceito de ciência nos remete a resgatarmos as origens do pensamento dialético que permitiu ao logo da história da humanidade a evolução e refinamento das formas de se conhecer, sem o dogmatismo da negação incondicional do outro.

#### **AS LEIS DAS QUATRO CAUSAS E O CONCEITO DE METAFÍSICA EM ARISTÓTELES**

A Grécia antiga passou por um período em que a explicação mitológica dominava a realidade. A explicação dessa realidade era sempre associada a uma figura não natural, divina, na maioria dos casos. Os filósofos gregos desempenha-

ram papel fundamental na libertação do logos em relação ao mito, conferindo a este um papel central na explicação da realidade.

Porém, antes de tentarmos compreender os conceitos metafísicos em Aristóteles, iremos resgatar o significado presente de Metafísica contido no “Dicionário de Filosofia” de Nicola Abbagnano, para, a partir desse conceito, buscarmos as origens do pensamento Aristotélico sobre o assunto.

Segundo Abbagnano (2007, p. 661), “a metafísica é a ciência primeira no sentido de fornecer a todas as outras o fundamento comum, ou seja, o objeto a que todas elas se referem e os princípios dos quais todos dependem.” Ela se apresentou ao longo da história de três diferentes formas: a teologia, a ontologia e a gnosiologia. Aristóteles realiza um movimento onde integra a teologia e a ontologia. A metafísica se configura como a ciência mais elevada por ser a ciência primeira, na visão de Aristóteles.

A metafísica seria a expressão de uma ciência que estude todas as causas, os princípios primeiros, as substâncias sensíveis e não sensíveis. Uma enciclopédia das ciências, afirma Abbagnano, “em suas relações de coordenação e subordinação.” (*ibid*). Na metafísica Aristotélica o primeiro motor imóvel expressão de todas as coisas que foram movidas constitui a concepção de Deus, não falamos aqui da concepção judaico-cristã de Deus, mas sim, da figura eterna, superior e da qual tudo o que existe provém, o primeiro ser necessário.

Segundo Chauí (2002), a metafísica para Aristóteles é a ciência de onde advém todas as outras, de onde provém todas as demais ideias e conceitos das demais ciências. O conceito de *physis* presente na época de Aristóteles compreendia todos os fenômenos da natureza, em sua totalidade, a totalidade da realidade, ou seja, tudo que pertence ao mundo real, natural, é a natureza.

A epistemologia aristotélica propõe que é possível conhecer as coisas através de suas causas, diferindo essencialmente de Platão que acreditava que o conhecimento do mundo material, não seria possível por meio da *physis*, do mundo físico. Conhecendo a causa da coisa, seria possível conhecer a própria coisa, ideia de causalidade. Na obra sobre a alma, Aristóteles analisa que tanto o conhecimento sensível quanto o racional são importantes para se conhecer o ser e encontrar a verdade.

O mundo físico é constituído por matéria, e para se identificar a coisa material, é preciso conhecer a forma. A existência de algo, de qualquer coisa no mundo físico, pressupõe matéria e forma.

A obra de Aristóteles na metafísica versa sobre a relação sujeito objeto, principio da gnosiologia, daquele que se quer conhecer e daquilo que se da a conhecer. As origens ou possibilidades estão no mundo físico, contraponto a ideia de Platão. O conhecimento em Aristóteles tem a gênese nas ideias universais. O conhecimento parte das ideias universais para as individuais. A epistemologia em

Aristóteles segue alguns princípios que o mesmo denominou de categorias, princípios metódicos que possibilitam o conhecimento. A gnose (conhecimento), se dá a partir da relação sujeito objeto, princípio evocado pelas ciências modernas para valibilidade de suas premissas. Sujeito que é o que quer conhecer, ativo, que se movimenta a conhecer, e o objeto o que se dá a conhecer, o ser a ser descoberto. O Sujeito conhecedor é dotado de razão e sentidos, enquanto o objeto é desprovido dessa razão intencional e sentidos, mas, possuidor de seus acidentes, características, qualidades que dá realidade à substância.

### TEORIA DAS QUATRO CAUSAS

Aristóteles para explicar a realidade e para tudo o que existe possa existir existem causas fundamentais que operam sobre o conhecer e a realidade, quatro formas das quais tudo que existe é constituído. Para explicar essas categorias Aristóteles propõe quatro causas que regem todas as coisas no mundo natural, conhecida posteriormente pela teoria das causas de Aristóteles.

Para Aristóteles a contemplação observação dos objetos individuais, particulares e de suas características e movimentos produzidos no permite, por meio do método indutivo, produzir abstrações, formulando assim um conceito geral uma ideia do fenômeno. Por meio da análise das características semelhantes de dados objetos de substância familiar, seria possível abstrair os fundamentos equitativos para a produção da ideia do conceito. Quando Aristóteles chega a tais conclusões, contradizendo Platão e outros pensadores da época se viram obrigado a estruturar outras categorias para conseguir explicar essa realidade do *logos*.

Todo objeto possui em sua essência uma matéria, aquilo do que o mesmo é feito é constituído, e essa matéria possui uma determinada forma, e esta forma pela própria natureza das coisas está em movimento, diferente ainda de seus antecessores, não sendo uma ilusão, mas sim a manifestação de seu objetivo, expresso na potência, capacidade de tornar-se constante, que também constitui a essência da matéria. A capacidade de se tornar algo novo, dessa forma se atualiza realizando a potência existente em sua essência. Esse atualizar-se, manifestação do devir, constitui o ato, que mesmo em transformação não perde sua substância mesmo quando ocorre algum acidente, alguma diferenciação da substância inicial. Para explicar esses conceitos Aristóteles utiliza o exemplo da árvore, que sendo matéria constituída de madeira, pode mudar de forma, pode até ser descaracterizada, mas não perde sua substância e sua causa eficiente.

Segundo Aristóteles, a **causa formal**, essência das coisas pode ser captada no próprio objeto, distinguindo-se de Platão que acreditava que na *Physis* não seria possível contemplar a verdade, apenas percepções distorcidas da realidade inteligível, apenas sombras. Para Platão seria possível contemplar a realidade apenas quando transcendêssemos a um mundo superior, uma realidade não física,

sendo esse mundo e os sentidos uma barreira para essa contemplação. A proposta dualística platônica é contradita por Aristóteles que afirma que a realidade pode ser compreendida pelos homens por meio do intelecto, do *logos*, visto que todas as coisas possuem substância, criando assim a teoria das 4 causas para se conhecer o mundo e a realidade. Uma mesa não pode, nas palavras de Chauí (2002), se transformar e qualquer coisas. Existem certas condições de ação do devir sobre a causa formal.

A **causa formal** seria no estado presente do ser as suas limitações de alteração. Em um exemplo simples, uma árvore pode ser transformada em cadeira, mas nunca em uma cidade, pela própria limitação de sua causa eficiente e material. A limitação física impediria que sua forma fosse aumentada, podendo em tese, apenas diminuir naquele estado atual de substância. A causa formal é, de fato, a forma que a coisa toma. Princípio de leitura da matéria. O formato da matéria, que nos permite discernir da causa material a forma. A forma é o que lê a matéria. Ou melhor, a forma é o que permite com que a matéria seja lida. É a forma que nos permite atribuir à matéria o valor de uso. Segundo Chauí, é na causa formal que a finalidade se manifesta.

A **causa material**, substrato do que é feito, por existir, pressupõe matéria. A matéria o que permite que as coisas existam enquanto coisa. Se for possível determinar a coisa podemos defini-la. A matéria de uma mesa é a madeira, o ferro, de uma estátua, o bronze o mármore, de um discurso as palavras.

Na **causa eficiente**, para explicar o devir, Aristóteles propõe que toda transformação, todo movimento existente no mundo sensível possui uma causa, motivo que movimenta, que permite a transformação. A passagem da potência para o ato denomina-se causa. Essas causas seriam as leis que regem todas as coisas. Em um exemplo, todo ser possui uma causa material, aquilo do que o ser é feito. Estabelecendo um parâmetro causal para sua potência de transformação. Constitui quem fez, quem deu forma, quem desenvolveu trabalho para alterar o ser. Quem promoveu a eficiência do ser ou da matéria. O devir não constitui uma ilusão, ou uma peça apregoada pelos sentidos, mas sim é, em essência, a materialização da potência no ser. O que diferenciaria os seres na interpretação aristotélica seria a quantidade de movimento que cada ser realiza. Uma madeira não pode se tornar uma pedra, por sua limitação material. Todo ser possui uma causa eficiente, motora, que irá se transformar, que poderá operar sobre a forma constituindo uma nova forma. A causa eficiente é a força que impulsiona a potência no devir, forçando-o a se atualizar assumindo assim uma nova forma. Constitui o vir a ser. É na causa eficiente que a qualificação do ser se manifesta.

A **causa final**, o por quê, qual o motivo e objetivo de sua existência. A finalidade é o que de fato, qualifica a forma. Determina a qualificação da forma. Essa teoria segundo Aristóteles se propõe a explicar a existência das coisas e rebate as idéias de Platão. Aristóteles usa o exemplo da estátua de mármore, uma escultu-

ra de Alexandre. O mármore em si, não possui significado em si, apenas potência de se tornar alguma coisa. A estátua de Alexandre, que antes existia apenas em potência no mármore, torna-se realidade, torna-se ato na estátua, anteriormente potência no mármore. A causa final da estátua é cultura a memória, enaltecer os grandes feitos, lembrar as gerações futuras das conquistas passadas, enfeitar um jardim. Foi a materialização da potência estátua no ato estátua que permitiu a causa final, atributos da lembrança, operar sobre a causa material e formal. O escultor é a causa eficiente, aquilo que foi necessário para que a potência viesse a se manifestar em ato, estátua, a manifestação do devir, operando sobre a causa material para que ela ganhasse forma e operasse um fim.

Para Aristóteles seria a mais importante manifestação da matéria. Tudo tem um fim específico, uma causa final, um objetivo, um propósito específico. Tudo tem uma causa que o constitui, um telos, uma missão de existência, que para Aristóteles seria a causa de todas as coisas, o primeiro motor imóvel que deu origem e movimentou tudo que se forma e que se desforma na existência. Alguns de seus comentadores irão atribuir o conceito de deus ao primeiro motor, mas Aristóteles não operava o conceito de deus monoteísta que possuímos na modernidade. A teoria Aristotélica preconiza que o movimento causado pela causa eficiente é determinado pela causa final. Aristóteles tece uma crítica consistente a teoria platônica de metafísica, introduzindo a ideia de movimento. A atração de que todas as coisas sofrem pelo primeiro motor Imóvel, explicam por que o devir torna-se eterno. “As coisas naturais nunca poderão alcançar o que desejam, isto é, a perfeição imutável.” (CHAUI, 2011, p. 237).

#### **AS CONSEQUÊNCIAS DA REVOLUÇÃO CIENTÍFICA PARA O PROCESSO DE DESENCANTAMENTO**

Na contramão da concepção de que Deus estaria acima de tudo, os renascentistas introduzem uma nova concepção de realidade, de arte e de conhecimento inserindo o homem no centro do universo, ativo no processo de conhecer em contraposição a filosofia medieval. Segundo Chauí (2011, p. 55), essa nova concepção, “[...] propunha o ideal do homem como artífice de seu próprio destino, tanto por meio dos conhecimentos (astrologia, magia, alquimia), como por meio da política (o ideal republicano), das técnicas (medicina, arquitetura, engenharia, navegação) e das artes (pintura, escultura, poesia, teatro).”

Essa nova concepção foi o motor que desencadearia na idade moderna a negação das explicações metafísicas clássicas e o desencantamento do mundo.

Mesmo com acirrada resistência às mudanças e meios empregados pela Igreja Católica Apostólica Romana para impedir a disseminação de maneiras diferentes de pensamento, por meio das inquisições e do tribunal do santo ofício, instrumentos criados para coibir o livre pensamento que confrontasse os dogmas oficiais, pensadores como Galileu, Newton, Copérnico, confrontaram, mesmo

que discretamente, o dogma da igreja propondo que fé e razão não poderiam caminhar juntas. Pensadores como Descartes, Hobbes e Espinosa realizaram um movimento de reinterpretação dos conceitos filosóficos de substância, das relações de causa e efeito. Thomas Hobbes, na interpretação de Chauí (2011), chegou a desconsiderar a possibilidade de conhecermos a substância divina por estar fora das percepções sensíveis. Espinosa nega a divisão clássica de metafísica, e insere a teologia em outro campo de conhecimento, voltado mais ao exercício do intelecto. David Hume rompe de vez com a possibilidade de um ser superior, sem o qual as coisas se formariam. Propôs que os pressupostos que alicerçam a metafísica não possuem sustentabilidade, “[...] partindo da teoria do conhecimento, mostrou que o sujeito do conhecimento opera associando sensações, percepções e impressões recebida pelos órgãos dos sentidos e retidas na memória.” (CHAUÍ, 2011, p. 248). Para o pensador, Substância e Essência são meras nomenclaturas para expressar conjunto de ideias e imagens associadas à consciência. Deus para Hume é a expressão de uma ideia, de entidades não reais, impossível de se comprovar ou existir.

Influenciado pelas afirmações de David Hume, Emmanuel Kant afirma que despertara do “sono dogmático”, alusão a possibilidade de existência de uma realidade em si. Em Kant, a análise por meio dos fenômenos e aplicação dos juízos sintéticos, seria o caminho para tentar estabelecer os limites de conhecer que a razão possui. Postula a existência de dois tipos de conhecimento, os empíricos, advindos da experiência e os à priori, contidos na própria estrutura racional. O conhecimento da metafísica ou número em Kant, não seria um conhecimento possível. Tece suas considerações nas teses sobre a crítica da razão pura, versando sobre o conhecimento inteligível e a crítica da razão prática, abordando o conhecimento sensível.

Como a metafísica não era mais suficiente para se explicar a realidade, a busca pela origem da humanidade, do cosmos e de tudo o que existe tona-se objeto de investigação na modernidade. Charles Darwin publica em 1859 “On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life”. Em 1872, em sua Sexta edição assume o título pelo qual ficou mundialmente conhecido como “The Origin of Species” (A origem das Espécies). Marco de ruptura, revolução paradigmática da época, que alterou a própria concepção da noção de humanidade.

Nesse contexto que se construiu a negação das realidades existentes anteriores ao predomínio da técnica e da razão instrumental como meio para se organizar e explicar a realidade. Como na ruptura do Mythos e supremacia do Logos ocorrida na antiguidade, a razão instrumental passa a dominar o direito de explicar a realidade e a negar qualquer outra explicação, repercutindo na própria maneira em que a sociedade estava organizada, suas formas de conhecer e na concepção de realidade e educação que se formou e se propagou ao longo das gerações futuras.

## **O QUE FOI O ESCLARECIMENTO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A EDUCAÇÃO**

Com o objetivo de desvendar os processos que desencadearam no processo de desumanização marcados no século XX, Adorno e Horkheimer, buscaram regatar os movimentos históricos do processo de desencantamento que eclodiram no domínio da técnica e na desumanização do homem, acontecimentos presentes nas grandes guerras mundiais e nas atrocidades do nazismo e fascismo. Como pensar os momentos de barbárie na história da humanidade, Auschwitz, as bombas atômicas pelo otimismo Hegeliano?

Para legitimar o domínio da razão instrumental técnica, e das formas de dominações que eclodiram no século XX, a razão passa a ser interpretada por um viés objetivo e instrumental, um tipo de concepção finalista de razão, a realidade que se realiza em si mesma é racional. O caos e a barbárie são ilusões.

Buscando elucidar esses conceitos os pensadores regatam os conceitos de razão ao longo da história. Para Aristóteles, a razão estaria na mente humana e no mundo. Kant pressupõe um finalismo, mas discorda de Aristóteles, a Razão Pura seria um instrumento de conhecimento do mundo, a Razão prática pensa os fins. A Razão está no mundo e não apenas no exercício da psiquê humana. Segundo Adorno e Horkheimer os fins foram negligenciados, extraviados, criticando a redução da razão a uma função instrumental.

Para Adorno e Horkheimer a busca irrestrita pelos fins, que no sistema capitalista industrial, se traduziu na busca incessante da posse, como princípio de auto-realização, levou a um endurecimento da consciência. Os meios tornaram-se fins em si mesmos, criou-se um movimento de fetichização do objeto. Esse movimento permitiu a manifestação de uma consciência coletiva coisificada, preparando as personalidades para recepção dos discursos totalitários.

Nesse processo alguns princípios sociais e humanos foram drasticamente alterados. O ser humano assume a essência de objeto, passível de ser manipulado, comprado, vendido, explorado, desumanizado. Criou-se um conceito de padrão social para abarcar todas as sociedades. A negação, processo de estranhamento, presente em Freud, foi o meio pelo qual a formação técnica ocupasse espaços que antes pertenciam ao aprimoramento e a esfera do espírito. Não existe mais espírito, apenas corpo e vontade.

A negação do outro, corriqueiramente é a negação da fraqueza vista no outro, presente em mim. O outro representa aquele que estaria fora dos padrões sociais, representando a fraqueza. O conceito de padrão social é explorado por Adorno e Horkheimer na análise da indústria cultural. Aprisionamento da própria criatividade humana ao bem da expropriação, da alienação e do capital.

A construção da identidade, necessidade de pertencer a algum grupo, remete a um estigma de ausência de identidade, e que vê no grupo a possibilidade de se encontrar, um importante ímã para o fascismo. Uma vez integrantes de

um grupo que defendem uma bandeira, começam a patrulhar os comportamentos divergentes.

Para Adorno e Horkheimer, o processo de esclarecimento surgira para livrar o homem do medo, substituir os mitos pela razão instrumental. Processo de desencantamento do mundo, substituição da imaginação pelo saber. Para os autores a falta de perspicácia e do desejo de duvidar, permitiu o afloramento de conhecimentos parciais, vãos.

Segundo Adorno e Horkheimer (1985, p. 5), “O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens.” Tudo o que não se reduz a números passa a ser ilusão. Na ciência não há mais a substitutibilidade, a mesma converte-se em fungibilidade universal. Processo de obsolescência programada é inserido na produção de mercadorias. A razão técnica produziu um processo de amortecimento da consciência, desaparecimento da consciência moral. “O esclarecimento acabou por consumir não apenas os símbolos mas também seus sucessores, os conceitos universais, e da metafísica não deixou nada senão o medo abstracto frente à colectividade da qual surgira.” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 13).

Horkheimer, em “Eclipse da Razão”, demonstrou como a razão assumiu um sentido técnico, em finalismo técnico, probabilístico, por assim dizer, servindo a um meio ou fim específico. A razão passou por um processo de objetivação técnica. O mundo da razão subjetiva foi interpretado como um mundo sem finalismo. Horkheimer ainda resgata os movimentos históricos ocorridos pela defesa da supremacia do direito de explicar a realidade evocada pela filosofia e pela igreja católica. Houve, segundo Horkheimer um apaziguamento gradativo dos conflitos entre filosofia e religião, cada um suportando o outro, visto como campo distinto de ramos separados da cultura. Explicando esse movimento histórico Horkheimer (2002, p. 23) afirmou que,

Na realidade os conteúdos, tanto da filosofia quando da religião, foram profundamente afetados por esse aparente apaziguamento pacífico do seu conflito racional. Os filósofos do iluminismo atacaram a religião em nome da razão; e afinal o que eles mataram não foi a igreja, mas a metafísica e o próprio conceito de razão objetiva, a fonte de poder de todos os seus esforços. [...] Especulação é sinônimo de metafísica, e metafísica é sinônimo de mitologia e superstição.

O que de fato percebeu-se foi a hegemonia da razão instrumental sobre a razão subjetiva. Os meios se tornam um fim, um processo de auto-conservação da espécie humana, sobre o domínio da técnica, são fetichizados.

Nesse cenário, a educação torna-se um meio para manutenção da ordem social, da primazia da técnica, e dos ditames da evolução tecnológica, como meio para perpetuação da própria espécie humana. A construção da identidade, a necessidade de se pertencer a um grupo, remete a um estigma de ausência de

identidade, projetando no pertencimento a um grupo a possibilidade de se reencontrar. Isso, na visão de Adorno, favoreceu a aceitação dos discursos nazista, para a juventude alemã. O totalitarismo se apresentou, no caso da juventude hitleriana, como a realização pelos iguais do direito a injustiça. O esclarecimento é totalitário.

Adorno (1995), em *Educação e Emancipação*, resgata esse processo de produção de heteronomia, da qual a educação participou, em nome do desenvolvimento. O processo de amortecimento da consciência perpassou pelo desenvolvimento da indústria cultural. A grande função da indústria cultural nesse contexto é fazer com que o sujeito se torne um ser passivo nesse processo, de aceitação da condição social imposta, e mesmo de manifestações com o padrão esperado, certo tipo de doutrinação ideológica, com ar de democracia. A esfera econômica torna-se o juiz do cotidiano. O esclarecimento é totalitário, a razão que foi criada para libertar o ser humano torna-se seu carcereiro. Tornamo-nos prisioneiros dessa razão, a razão técnica. Nesse contexto, os veículos de comunicação em massa passam a atender o interesse das camadas dominantes, perpetuando a manutenção da realidade social aparente. Nesse sentido o vazio é um bem a ser preservado, como combustível de incentivo do consumismo e da futilidade da vida, esvaziamento do espírito humano, que conduz a um processo de heteronomia eterna.

## CONCLUSÕES

A análise do processo de desencantamento nos leva às seguintes questões: Como uma sociedade que pregou liberdade, justiça e igualdade se torna alienada por esse mesmo sistema? Quais as possíveis contradições encontradas dentro do próprio processo de emancipação da razão?

Os escritos de Adorno e Horkheimer realizam um movimento de desmistificação das mudanças ocorridas com o advento do iluminismo, interpretadas como ápice da evolução do pensamento. Os autores constroem sua análise na tentativa de demonstrar os erros produzidos pelo processo de esclarecimento, que permitiram o surgimento da primazia da técnica, da dominação do homem e da natureza pelo capital.

O medo permitiu o surgimento e crescimento do mito, forma de explicar a natureza e a relação do homem com o mundo que permite justificar os processos de dominação. O movimento de se fugir do mito, criado para legitimar a dominação, para explicações não mitológicas permitiu a filosofia superar parte do pensamento arcaico e o surgimento da supremacia da razão, que culminaria na dominação da técnica e da tecnologia, o paradigma dominante das ciências modernas.

A evolução da Filosofia permitiu com que a razão se desvinculasse do mito para se entender o mundo, e suas manifestações naturais. Aqui, segundo os autores começa o processo de desencantamento do mundo que culminaram na modernidade na dominação pela organização do trabalho. O mundo burocrático passa por um processo de desencantamento, com o fim em uma racionalização embasada no utilitarismo. A divisão de trabalho, o nascimento de dominação que eclode no iluminismo.

Enquanto para Platão o conhecimento só existe no mundo das ideias, para Aristóteles ele existe no mundo da *Physis*, no mundo sensível.

Ao analisarmos as quatro causas em Aristóteles encontramos uma teleologia, a existência de um fim de todas e para todas as coisas. A razão transcende a esfera materialista. A Filosofia em primeiro momento iniciou o processo de desmitologização da sociedade, introduzindo a ideia de racionalização do *logos*. Na Idade Média, em um movimento para alicerçar a fundamentação eclesiástica sobre a verdade, o bem e o conhecer, a metafísica platônica é resgatada para auxiliar a explicar da realidade. A proposta de Platão em um primeiro momento e de Aristóteles, em um segundo, foram congruentes com as necessidades da Igreja que nascera e se fortalecera nesse período, entidade física que evocou para si a autoridade de explicar o supra-sensível. A concepção de um mundo físico inferior, no caso, a terra, e de uma realidade superior, verdadeira, no caso o céu, foi o princípio ontológico sobre o qual se estruturou a realidade. Nas leituras modernas do período, pode-se dizer que foi um período de supremacia de um novo conceito de verdade mitológica, só que desta vez, com uma roupagem metafísica mais elaborada.

Contudo, com o advento da técnica, das revoluções sociais e comerciais, essa forma de explicar a realidade passou a não mais atender os interesses dos novos atores sociais no poder, digo, naquele momento, uma burguesia comercial e posteriormente industrial, que não estavam alocadas no modo como a sociedade era composta, os que rezam, os que guerreiam e os que trabalham, a estrutura hierárquica social medieval.

O processo de desencantamento moderno, por necessidade, ocorreu como confrontação da ordem social estabelecida, e diferentemente dos gregos, não ouve uma tolerância para com o mito, mas sim um processo de negação completa. Agora, digo, nesse momento de transição já explicitado, a verdade científica, assume o mesmo papel anteriormente ocupado pela escolástica, o de verdade universal, único caminho ou meio para se explicar a realidade. É para explicar esse processo que Adorno e Horkheimer se propõem na obra “Dialética do Esclarecimento”, percorrer os caminhos pelo qual a humanidade sofreu um processo de desencantamento, inicialmente com a racionalização do *logos*, e posteriormente com a negação do mito. Nesse percurso os teóricos modernos que se propuseram a realizar esse movimento, intencional ou não, tiveram inevitavelmente de incluir

no “saco” das explicações mitológicas a própria filosofia, em especial a metafísica. Nesse processo de desencantamento Adorno e Horkheimer nos alertam que o ser humano se desvirtuou de sua finalidade, cometendo determinadas atrocidades que, em certo ponto, o descaracterizaria como ser humano, nos referimos aqui às atrocidades das duas grandes guerras mundiais e do nazi-fascismo em especial.

Para os cientistas modernos, não bastaria apenas redefinir a ciência, e seus métodos empíricos de explicação da realidade, para decompôr, desconstruir, negar e aviltar toda tradição filosófica, os pensadores defensores da verdade científica universal tiveram de negar, os conceitos produzidos por Aristóteles, para dismantelar a tradição eclesiástica e seus pressupostos teóricos, que alicerçavam a filosofia cristã. Nesse movimento de desapossar a igreja do direito de explicar a realidade pela dicotomia Deus/homem, sagrado/profano, material/não material, ou físico/metafísico, a filosofia e a metafísica Aristotélica foram reduzidas ao status de “mito”, negando qualquer possibilidade de um mundo não material. Outro fato que marca a característica da ciência moderna são as leis que regem o conhecimento e o método científico, em que se apregoa o conhecimento das partes para se conhecer o todo, inversamente ao que foi proposto na filosofia metafísica Aristotélica.

Dentro desse movimento de desencantamento, a própria concepção de ser humano se perdeu. Ou pensando metafisicamente, nossa causa final se desvirtuou. O positivismo passou a ser o referencial para se explicar a realidade e as manifestações não técnicas passaram a ser entendidas como desvios da racionalidade humana.

Segundo Adorno e Horkheimer (1985, p. 21), “a condenação da superstição significa sempre, ao mesmo tempo, o progresso da dominação e o seu desnudamento. O esclarecimento é mais que esclarecimento: natureza que se torna perceptível em sua alienação.”

As ciências, na visão dos autores, tornaram-se dogmáticas, à medida que, fugindo da possibilidade do contraditório, rendeu-se a supremacia totalitária da verdade. Nas palavras de Adorno, o antídoto para o fascismo seria a cultura.

Dessa maneira, percebemos que a separação e demonização dos sentimentos e emoções como conotação de fraqueza do ser humano, de manifestação de sua condição animal, irascível e, portanto, passível de ser suprimida, foi o caminho pelo qual a ciência instrumental moderna trilhou para desmerecer qualquer condição, não estritamente racional, salvaguardado pela suposta supremacia da “verdade” científica, que por muito tempo dominou corpos e mentes da humanidade. Digo corpo e mente, pois, para essas concepções reducionistas, alma e espírito não passam de especulação, fábula, mito.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**, Trad. Alfredo Bosi, 2. ed, São Paulo, Mestre Jou, 1982.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Edipro, 2012.
- CHAUÍ, M. **Introdução à História da Filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: 2. Ed., Companhia das Letras, 2002.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**, São Paulo, 14. ed., Ática, 2011.
- DESCARTES, R. **Discurso do Método**. Trad. Maria Ermantina Galvão, Rev. Monica Stahel, São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Ed. Centauro, 2002.
- KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Trad. Valério Rohden e Baldur Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

---

Recebido: 23/03/2019

Aceito: 01/05/2019